

“Só com o poder popular o sofrimento do povo vai acabar!”¹

Nós do Movimento das Comunidades Populares (MCP) temos um lema: Só com o poder popular o sofrimento do povo vai acabar!. O poder popular é o povo organizado. Nós acreditamos que é através do poder popular que a gente pode mudar a sociedade. A gente acredita é no povo. Acreditamos na sociedade. Então, por isso que nós somos teimosos, a gente não arreda pé. Acreditamos nas pessoas sabendo das causas dos problemas. O povo reage quando sabe as causas dos problemas. Essa roda de conversa é um poder popular. Os ricos, enganadores do povo, têm medo disso. (Destaque de algumas das palavras do Sr José Beserra de Araújo nas Rodas de Conversa).

Moramos em comunidades com saneamento horroroso, passa valão e esgoto na porta de casa. Um fedor horrível. Tudo sem asfaltar. Aí chove, enche tudo, ninguém consegue sair nem entrar no morro para nada.

O ambiente onde a gente vive não tem estrutura de limpeza porque a gente vive numa comunidade. Tem muito lixo. Teria de ter o serviço de limpeza, mas quem vive na comunidade não conseguem ter isso. Quem está tendo direito é quem vive nos bairros nobres porque eles são ricos. Os pobres não têm direito a nada. Porque os pobres estão trabalhando para saciar os ricos enquanto eles ficam lá dormindo. Eles têm a mordomia deles. É por isso que tem muita violência por aí. Tem muito assalto, muito roubo.

¹ Texto coletivo com as vozes de trabalhadores e trabalhadoras reunidos em quatro Rodas de Conversa realizadas em Setembro de 2025 no contexto do aniversário de 71 anos da ENSP. Participaram dessas Rodas de Conversa 99 pessoas. Sendo: 60 Alunos da Educação de Jovens e Adultos do Ciep JK (moradores de Manguinhos na maioria e alguns do Jacarezinho), 13 trabalhadores da ENSP (sendo 6 moradores de Manguinhos e 7 moradores de outras favelas ou de bairros de classe média baixa), uma estudante da Residência da ENSP, 7 pesquisadores visitantes da ENSP, uma ACS de uma das Equipes de Saúde da Família que atende no Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria/ENSP (CSEGSF), Patrícia Evangelista (Moradora de Manguinhos e articuladora do Conselho Gestor Intersectorial de Manguinhos - CGI), uma médica e uma psicóloga servidoras do CSEGSF e professoras do Curso de Saúde Pública da ENSP, Um professor da Faculdade de Educação da UERJ, um professor de Escola Pública da Maré (ex-morador de Manguinhos e 1 professor de Ciências no Centro de Educação de Jovens e Adultos da Maré), um nutricionista do E-Multi de Manguinhos, uma servidora da VDEDIG/ENSP, duas bolsistas do Museu da Vida, uma moradora de Manguinhos, uma professora responsável pelo Programa de Saúde na Escola na 4a.Coordenadoria Regional de Educação, um professor responsável pelo Programa de Educação de Jovens e Adultos na 4a.Coordenadoria Regional de Educação, 1 professor e 3 professoras da Programa Municipal de Educação de Jovens e Adultos do Ciep JK (localizado na Rua Leopoldo Bulhões ao lado da ENSP), 2 participantes que mediarão as 4 Rodas de Conversa: (José Beserra de Araújo - morador de Manguinhos líder histórico local e nacional do Movimento das Comunidades Populares) e Maria das Mercês Navarro Vasconcellos (Servidora pública exercendo atualmente essa função como Tecnologista em Saúde Pública no Gabinete da Direção da Escola Nacional de Saúde Sérgio Arouca e anteriormente na função de Professora de Ciências na Educação de Jovens e Adultos da Rede Pública Municipal de Ensino do Rio de Janeiro - aposentada).

A gente realmente trabalha muito e paga tudo muito caro. A gente praticamente não tem tempo para pensar nas questões porque a gente está sempre correndo de um lado para o outro e por isso acabamos não podendo participar em espaços como esse da roda de conversa porque estamos trabalhando o tempo todo.

Soberania está difícil. Eu tento escolher, mas fica difícil. Tem que batalhar muito. Correr muito atrás. A gente é obrigado a fazer aquilo que mandam. A gente quer fazer nossas escolhas, mas ou a gente faz o que eles mandam ou a gente não tem nada. Como diz aquele ditado: “manda quem pode e obedece quem tem juízo.” Não tem isso da gente fazer o que a gente acha certo. Mesmo achando que está errado, a gente tem que fazer o que eles querem porque eles oprimem. Se não fizer o que eles querem, você pode ser mandado embora ou te colocam em um trabalho ainda pior do que é aquele em que você está. A escravidão não acabou, só mudou o nome. Só assinaram um papel, mas a gente continua escravo.

Todos nós trabalhamos muito, mas satisfeitas não estamos, a gente não pode escolher. A lei existe, é um direito, mas não funciona para a gente. Na verdade, é só no papel. Na prática, não funciona. Atualmente o **trabalho** está muito mais **sobrecarregado**.

Chefe é chefe. Mas todos nós somos humanos. Todos nós somos pessoas que têm que ter saúde e dignidade. A chefia tem que ter respeito por todos. Porque eles só cobram. Quer dizer, a empresa nunca olha para o funcionário. Por mais que você se dedique, por mais que você faça, você nunca é compreendido. E ainda dizem: “Se não está gostando pede pra sair”. Como pedir para sair se a gente não pode ficar desempregado? Então, é uma forma de oprimir. Acaba que o funcionário fica exausto, mentalmente instável e a base de remédio.

As pessoas não dão valor para o serviço da gente. A gente rala pra caramba e não dão valor. Tem que trabalhar por pouco dinheiro. Olham a gente com outros olhos. Parece que a gente é um bicho, parece que a gente não está ali. É muito triste isso. Eu me sinto mal, mas eu levo de boa. Eu fico incomodada. Eu acho que querendo ou não, ser humano, é tudo a mesma coisa. Cada um tem sua profissão. Mas, tem gente que não vai entender isso porque tem a mente fechada. Sempre trabalhei, desde pequena com a minha mãe, sempre trabalhei. Então, tipo assim, eu gosto de fazer meu trabalho, não me envergonho, porque é um dinheiro honesto.

Aí é isso, a gente fica trabalhando, trabalhando, e aí vem os problemas de saúde. A gente só trabalha, mas a gente tem uma vida para cuidar também. Tem uma família e a gente tem que cuidar da nossa saúde. Muita mãe que cria os filhos sozinha. Na comunidade as crianças ficam muito vulneráveis porque a mãe não tem um subsídio para poder acompanhar os filhos. A maioria deixa os filhos para poder ir trabalhar.

Não tem prioridade para a educação. Não tem vaga nas escolas para todas as crianças perto de casa. As matrículas são feitas pela internet, mas o acesso digital ainda não chegou para todas as mães matricularem seus filhos nas escolas. Quem consegue esse acesso primeiro consegue uma matrícula no território. Infelizmente, muitas mães só conseguem matricular os filhos em outro território. Depender de ônibus para chegar na escola é complicado. O filho tem direito à passagem, mas a mãe não. Crianças de oito, nove anos, precisam correr o risco de pegar o ônibus para ir e voltar da escola sozinhas. As creches que antes eram em turnos integrais, hoje não são. Hoje a criança entra às 7h30 e sai às 11h30. Aí tem uma outra galera que entra às 12h30. Às 16h30, está saindo. Então, como é que essa mãe vai trabalhar? As mulheres aqui na favela ganham um salário mínimo e para irem trabalhar pagam 400 reais para tomarem conta de sua criança para dentro da casa dela, deixando comida, tudo ali. Então, é um massacre mesmo da população mais pobre e é um problema crítico. Também é fundamental a gente trazer à tona aqui que essa mãe sai para trabalhar preocupada e no dia que tem operação policial na favela não tem escola. Ou, às vezes, tem e a criança está na escola. É o caos porque é um abalo psicológico daquela criança, da mãe, da família toda.

O serviço de saúde piorou, a gente não consegue médico. Eles marcam consulta só para depois de dois ou três meses ou a gente fica lá sentado de 4 a 5 horas para ser atendido. Ser atendido por uma médica que simplesmente passa uma dipirona. Isso quando tem dipirona na farmácia para a gente pegar. Nunca tem remédio, nunca tem nada.

Acho um absurdo, até aqui mesmo na fundação. Tenho uma filha de 3 anos que precisa de Fono. Ela teve de esperar 3 meses para ser atendida pela fono. A gente precisa e quando a gente procura a gente não tem esse recurso. Isso é um

absurdo porque ela precisa muito de fono e aqui ela não está tendo esse recurso direito porque a minha filha precisa não só da fono, mas precisa também de outros recursos que para tentar conseguir é necessário a fono dar o diagnóstico. Então, acho um absurdo e não é só isso, existem muitas outras coisas, mas quis enfatizar sobre isso. Porque muitas das vezes a gente precisa muito e não tem. Eu falei com a fono da Equipe eMulti e ela disse que vai ver se sai agora consegue pelo SISREG uma terapia de fono em outro território.

Quer dizer, consideração com os pacientes, nenhuma, nenhuma, nenhuma. Mas, não é culpa dos funcionários, porque vem de lá de cima. Para a classe dominante é fácil. É só manter a falta de alimento na mesa e aí quando vem a eleição, durante uns três meses, uma mãe vai ter um salário por mês para entregar um papelzinho de político para votarem nele. Isso é um projeto dele conseguir voto nesse lugar. Mas, na hora que essa mulher tiver o seu emprego garantido, tiver os seus filhos todos na escola, tiver o seu salário, ela não vai se vender por uma ninharia para entregar papelzinho de político. É muito complicado as pessoas não terem esse poder de decisão ou não ter a oportunidade desse tipo de reflexão. É muito complicado que a gente não possa opinar e trabalhar numa estratégia. A gente tem que atuar na educação porque tudo passa por ali. Porque a hora que o cidadão e a cidadã consegue autonomia e faz uma reflexão sobre sua vida, muda esse estado político, consegue fazer a reviravolta.

Muitos políticos ganham muito na comunidade, vêm na comunidade e oferecem isso e aquilo e nada fazem. Então, é isso, temos de valorizar mais o nosso voto. Vê quem de verdade é o deputado que está ali pela gente. Porque depois que a gente vota, com o nosso voto temos que ter uma pessoa que está ali de verdade brigando pela gente. Porque, se não, não vai valer de nada. Votou, vai estar lá com nossos impostos, nosso dinheiro e não faz nada por nós.

Todo mundo merece ter a chance de ter qualidade de vida. Ter uma boa alimentação, ter uma estabilidade. Mas, tem muita gente desempregada e também ganhando salário mínimo que é muito pouco. Além disso, também é super errado a gente que é mãe, que tem filho menor de idade, só ter direito a botar um atestado por ano. Se a gente leva o filho ao hospital, o patrão não aceita declaração de comparecimento. Então, meu filho só pode ficar doente uma vez por ano? Aí a

gente tem que ficar tentando ver se o médico bota o atestado no nosso nome. Sendo que no trabalho falaram que colocar atestado é ruim para o funcionário. Além disso, eles descontam do nosso salário. A gente vive no trabalho. E se o filho ficar doente? Ele vai ter de morrer ou eu vou ter de escolher se levo ele no hospital ou se trabalho para alimentar ele?

Os ricos estão pouco se lixando para a gente, porque eles estão lá, na boa. Se ficar doente, vai para um hospital bom, vai de helicóptero. Eles estão lá, eles estão com o nosso destino na mão. E eles têm a possibilidade de mudar. Não mudam porque não querem. Nós que somos pobres, que ficamos aqui mendigando saúde, emprego, estudos para os nossos filhos.

Quem já não era muito bom da cabeça quando veio a pandemia piorou tudo. A saúde mental está totalmente perturbada pelas incertezas que decorrem da política, das péssimas condições de vida, da falta de acesso aos direitos básicos, das preocupações em relação ao aquecimento global e as mudanças climáticas que pioram a situação das enchentes que já fazem parte das nossas vidas há tanto tempo. Além de tudo isso, ainda é obrigado a enfrentar a fila do SISREG.

OBSERVAÇÃO: Nessa observação segue a transcrição de um áudio enviado por whatsapp por uma pessoa que representará aqui a voz de todas as pessoas que gostariam de participar de uma das Rodas de Conversa e não conseguiram ir por causa da sua atual situação de vida. Essa voz vem de uma senhora idosa que mora em uma parte do território do Complexo de Favelas de Manguinhos que é atendido por uma das 7 Equipes de Saúde da Família que trabalham no Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria (CSEGSF - Unidade de Saúde que é um Departamento da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/ENSP da Fundação Pública Oswaldo Cruz/Fiocruz). Essa senhora tem 64 anos e meio de idade (assim sendo somente daqui há seis meses ela terá acesso ao direito à gratuidade em transporte público e isso dificulta ainda mais a sua situação quando ela precisa sair do território para resolver algum problema). Ela é uma pessoa muito consciente de seus direitos e queria muito poder ter participado de uma das Rodas de Conversa. Ela é uma pessoa que inclusive está sofrendo muito porque para

enfrentar essa situação foi obrigada a abandonar atividades que faziam muito bem para a sua saúde. Desde atividades como essa da Roda de Conversa até tratamentos de saúde que fazia no CSEGSF. Atualmente ela mora sozinha com o companheiro também idoso sobre quem ela fala no áudio transcrito abaixo:

“Uma das coisas que eu gostaria de ter ido na Roda de Conversa e falar é que, embora tenha a Clínica da Família, eu não me sinto apoiada. Eu vejo meu companheiro passando mal eu passo o maior sacrifício para levar ele lá na UPA Já falei lá na clínica que ele está passando mal e eu não vejo um atendimento para ele hoje. Não veio o tipo de atendimento que ele precisa. Eu acho que ele teria isso direito de ter um atendimento. Eu vou 3 ou 4 vezes na UPA e sem grandes retornos. Sabe, eu me sinto muito sozinha em relação a isso. Você chega na clínica da família e não tem um remédio. Eu não tenho uma orientação. A questão dele é grave e me coloca doente porque eu não sinto apoio. Eu acho que eles não dão conta desse tipo de situação. Eu até peço perdão a Deus se estou sendo injusta, mas eu estou vivendo isso já há alguns meses. Eu acho que a gente fica desamparado nesse sentido. Outra questão que eu gostaria de estar colocando aqui, por exemplo, é a vacina da COVID. Ele é uma pessoa que além de ter sofrido um AVC, teve 2 infartos e é cardiopata. Isso está acabando comigo. De vez em quando eu preciso levar ele na UPA com muito sacrifício porque o motorista não quer aceitar a cadeira de rodas. Eu queria poder ter a possibilidade de levar ele para o atendimento na clínica da família, mas eu não tenho condições. Então, eu realmente precisava que o médico tivesse o cuidado de marcar e vim visitá-lo. Outra questão é que ele está tendo vômito e diarreia. A maioria dos profissionais são bons. A instituição é boa, mas tenho a pontuar que algumas vezes alguns profissionais são desatentos com algumas questões. Infelizmente isso acontece com todas as profissões, mas a gente tem que ver isso. A maioria é muito atenta, mas fico carente de orientação. Fico carente por não saber o que fazer em certas situações. Eu realmente às vezes eu me sinto perdida porque eu não consigo e não tenho tempo de fazer as coisas pra mim. Não consigo nem resolver o problema do exame dele. Nem fisioterapia ele está conseguindo fazer. Já resolvi a questão do banho de café da manhã e estou correndo aqui para resolver várias coisas. O pedido de exame ficou um tempo na clínica e já era para estar no SISREG. Ficou lá um tempo e depois me devolveram e eu tenho que levar lá em Bonsucesso para o cardiologista preencher e ainda não

tive tempo de cardiologista. Porque é um exame caro e quando é assim, precisa passar por esse processo para conseguir uma autorização. Então, tenho de ir lá em Bonsucesso pegar esse papel levar na clínica da família para eles fazerem essa autorização e colocar na fila do SISREG. Está um pouco embolado porque eu estou na correria. Eu não me incomodo de você colocar aí no relatório acho pelo contrário porque essa situação acho não acontece só comigo. Existem várias pessoas passando por isso. Então, é importante falar porque colocando isso eu acho que já dá pra mudar um pouco disso, mudar um pouco a qualidade, né? Eu sei que você vai saber colocar isso aí direitinho porque você está entendendo o que eu estou falando o que está no meu coração. Mesmo que essa minha fala não esteja coordenada por vários motivos, mas eu sei que você vai conseguir passar isso para o papel direitinho e eu só te agradeço.”